

TERRA DEU, TERRA COME.

SINOPSE

Pedro de Alexina, 81, conduz, como mestre de cerimônias, o funeral de João-Batista, morto aos 120 anos. Ali, não se sabe o que é realidade ou representação, documentário, ficção ou memória.

PRÊMIOS E FESTIVAIS:

- É Tudo Verdade - 15º Festival Internacional de Documentários- Melhor Documentário Brasileiro (2010)
- Mostra Panorâmica 38º Festival de Gramado - Melhor Filme(2010)
- Amazônia Doc 2010 - Melhor Filme e Melhor Direção (2010)
- BH Forum Doc 2010 - Melhor Filme (2010)
- DOK Leipzig - Dove Talent Award (2010)
- ATLANTIDOC - Uruguai - Melhor Som (2010)
- Prêmio APCA 2010 - Melhor Documentário (2011)
- Festival SESC Melhores Filmes 2011 - Melhor Documentário segundo a Crítica Especializada (2011)
- CineBH - Abertura (2010)
- Festival Ambulante – México (2011)
- FIG26 – Festival Internacional des Cine en Guadalajara – México (2011)
- 23º Rencontres Cinémas d’Amérique Latine de Toulouse – França (2011)
- Cinelatino - Alemanha (2011)
- 13ª Festival du Cinéma Brésilien de Paris – França (2011)
- EDOC 2011 - Equador (2011)
- 1º Festival Internacional Lume de Cinema – Menção Honrosa (2011)

FICHA TÉCNICA:

Formato de captação: DVC PRO HD e 16mm

Formato de exibição: HDCAM

Duração: 88 minutos

Gênero: Documentário

Abril de 2010

CRÉDITOS

Empresa Produtora: 7Estrelo Filmes

Direção e produção: Rodrigo Siqueira

Colaborou na direção: Pedro de Alexina

Fotografia: Pierre de Kerchove

Som: Célio Dutra

Produção executiva: Rodrigo Siqueira

Pesquisa: Lúcia Nascimento e Rodrigo Siqueira

Produção de frente: Marcelo Ferrarini e Roberta Canuto

Produção de set: Ricardo Magoso

Edição: Rodrigo Siqueira

Arte e gráficos: Júlio Dui

Finalização de imagem: Alexo Yoshinaga

Mixado nos estúdios: TIL

APRESENTAÇÃO

Pedro de Almeida, garimpeiro de 81 anos de idade, comanda como mestre de cerimônias o velório, o cortejo fúnebre e o enterro de João Batista, que morreu com 120 anos. O ritual sucede-se no quilombo Quartel do Indaiá, distrito de Diamantina, Minas Gerais.

Com uma canequinha esmaltada, ele joga as últimas gotas de cachaça sobre o cadáver já assentado na cova: “O que você queria taí! Nós não bebeu ela não, a sua taí. Vai e não volta pra me atentar por causa disso não. Faz sua viagem em paz”.

Dessa maneira acaba o sepultamento de João Batista, após 17 horas de velório, choro, riso, farra, reza, silêncios, tristeza. No cortejo, muita cantoria com os versos dos vissungos, tradição herdada da África.

Descendente de escravos que trabalhavam na extração de diamantes, nas Minas Gerais do tempo do Brasil Império, Pedro é um dos últimos conhecedores dos vissungos, as cantigas em dialeto banguela cantadas durante os rituais fúnebres da região, que eram muito comuns nos séculos 18 e 19.

Garimpeiro de muita sorte, Pedro já encontrou diamantes de tesouros enterrados pelos antigos escravos, na região de Diamantina. Mas, o primeiro diamante que encontrou, há 70 anos, o tio com quem trabalhava o enterrou e morreu sem dizer onde. Depois disso, vive sempre em uma sinuca: para reencontrar o diamante só se invocar a alma de seu tio João dos Santos. “É um diamante e tanto, você precisa ver que botão de mágoa.”

Ao conduzir o funeral de João Batista, Pedro desfia histórias carregadas de poesia e significados metafísicos, que nos põem em dúvida o tempo inteiro: João Batista tinha pacto com o Diabo?; O Diabo existe?; estamos sozinhos, ou as almas também estão entre nós?; como Deus inventou a Morte?

A atuação de Pedro e seus familiares frente à câmera nos provoca pela sua dramaturgia espontânea, uma auto-mise-en-scène instigante. No filme, não se sabe o que é fato e o que é representação, o que é verdade e o que é um conto, documentário ou ficção, o que é cinema e o que é vida, o que é africano e o que é mineiro, brasileiro.

BREVES COMENTÁRIOS

- **Roteiro**
O roteiro articula os rituais fúnebres de João Batista, que começa com a sua morte, passa pelo velório e o cortejo até o enterro, com as diversas histórias pessoais que Pedro nos conta. No decorrer do filme, ele incorpora personagens para contar histórias que fazem documentário e ficção parecer uma coisa só. A narrativa tem uma estrutura não linear, em que os personagens e situações são apresentados aos poucos, de maneira que o espectador vai montando a história individualmente. Na sequência final, há uma surpreendente situação que faz o espectador ligar as pontas da história. No entanto, essa situação, como em uma obra aberta, traz novos questionamentos e pontos de reflexão sobre o filme.

• **Produção**

A produção do documentário começou no dia 1º de Janeiro de 2005, quando o diretor conheceu o Sr. Pedro Almeida, personagem principal do filme. Desde então foram 12 viagens à comunidade de Quartel do Indaiá. Em maio de 2007, com o patrocínio da Petrobras, e com a cooperação da Representação da UNESCO no Brasil, uma equipe de apenas 4 pessoas fez uma imersão de 30 dias com o personagem e sua família. Essa imersão resultou em um material de 40 horas, que funde documentação etnográfica e experimentação em busca do rico imaginário poético dos personagens. Ao final, a produção enxuta favoreceu a linguagem do filme. O desenho de produção utilizado, portanto, foi o de poucos recursos com excelência técnica e fílmica, assim como pretende-se nas etapas subsequentes.

COMENTÁRIOS DO DIRETOR

Na virada de 2004 para 2005, estava mergulhado e enredado pelo livro Grande Sertão: Veredas, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, um dos mais importantes romancistas de língua portuguesa.

Famoso por atrair ao sertão de Minas Gerais estrangeiros de todos os cantos do mundo, o livro fez com que eu e minha mulher imprimíssemos uma viagem em busca do sertão mítico e profundo retratado por Guimarães Rosa. “O sertão está dentro da gente”, diz Riobaldo, o personagem principal do livro.

No meio do caminho, encontrei o Sr. Pedro Vieira, conhecido como Pedro de Alexina, guardião das tradições fúnebres que os africanos trouxeram para a região de Diamantina, no século 18. A mistura de diferentes povos da África nas minas de diamante fez nascer na região o dialeto banguela, que fundia as línguas destes povos ao português. Do dialeto, sobraram apenas algumas cantigas de trabalho e de rituais fúnebres, conhecidas como vissungos.

O encontro com Pedro de Alexina transformou minha viagem em uma expedição ao imaginário da tradição oral que remonta aos povos andantes, que carregavam suas histórias fantásticas entre a Índia, a China, a África e o Oriente Médio.

Seguimos nossa viagem sob a sensação de termos encontrado o que nos parecia uma Sherazade personificada em um griô africano. Suas histórias emendam umas nas outras, misturando os contos populares ao mundo vivido e a uma miríade de mitos de diferentes origens.

Dois anos depois, em maio de 2007, voltei ao Quartel do Indaiá, comunidade remanescente de quilombo, para fazer um filme com seu Pedro. Desta vez, minha viagem foi muito mais longe. Em 30 dias, seu Pedro me transportou para um espaço e tempo indefinidos, distantes, mas ao mesmo tempo muito próximos das minhas memórias de infância em Minas, próximas do meu “sertão interior”.

Mediado pela imaginação, pela memória dos antepassados e de suas histórias pessoais, Pedro me levou a um lugar onde o sertão mineiro encontra a África de séculos atrás, onde a morte encontra a vida e onde Deus e o “Outro” coexistem todo o tempo.

Das mais de 40 horas de material que produzi sobre esse lugar e sua gente, poderia fazer diversos filmes diferentes. Mas apenas um tomou parte em mim, pro bem e pro mal, como em um contrato com o Demo. Uma parte que me ecoa até hoje, como se fosse uma história fantástica ouvida por uma criança em noite de lua. Mais que uma experiência fílmica, posso dizer sem demagogia, seu Pedro tornou-se um companheiro que me ajuda a traçar a minha passagem por aqui.

CRÍTICAS E COMENTÁRIOS

“Terra Deu, Terra Come, produzido, dirigido e editado por Rodrigo Siqueira, é uma proeza. De um lado, revela um personagem singular, morador de uma comunidade isolada, vinculada a valores arcaicos; de outro, elabora linguagem sofisticada, estabelecendo um novo patamar para o cinema que procura desvendar os mistérios do mundo.”

Eduardo Scorel - Revista Piauí

“O documentário Terra Deu, Terra Come, dirigido por Rodrigo Siqueira, de tão realista vira uma obra de ficção, ou quase. Fica no limite - nas bordas. Eduardo Coutinho e João Moreira Salles, os maiores documentaristas do País, não deixaram por menos e aplicaram ao jovem Siqueira o rótulo de gênio. Terra Deu, segundo eles, é uma trapaça genial.”

Luiz Carlos Merten - Estado de S. Paulo

“Terra Deu, Terra Come é um filme extraordinário, genial.”

Eduardo Coutinho

“Terra Deu, Terra Come é uma trapaça maravilhosa. Acho que o seu Pedro está prestes a entrar para a antologia dos personagens do documentário brasileiro.”

João Moreira Salles.

BIOCURRÍCULO DO DIRETOR

Rodrigo Siqueira tem 36 anos, e mora em São Paulo.

Graduado em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o diretor Rodrigo Siqueira, começou sua carreira atuando como jornalista e editor na TV pública e educativa de Minas Gerais, estado onde nasceu em 1973.

Em 1999, foi convidado para realizar a pesquisa para um longa metragem de ficção que abordava a trajetória da Rádio Favela, de Belo Horizonte, rádio livre voltada para a cultura negra e assuntos da comunidade favelada local.

A partir dessa experiência de pesquisa, o diretor foi premiado pelo Ministério da Cultura, em 2002, para realizar o documentário Aqui Favela, o Rap Representa, sobre o movimento Hip Hop em Belo Horizonte, MG, e São Paulo.

Com este trabalho, o diretor recebeu o prêmio de melhor roteiro e pesquisa no Festival Internacional do Filme Etnográfico do Rio de Janeiro, em 2003. Exibido em rede nacional pela TV pública brasileira, o filme atingiu cerca de 800 mil pessoas em todo o país, com excelente repercussão.

O filme **Terra Deu, Terra Come** é o segundo trabalho autoral do diretor, e o seu primeiro longa-metragem a ser levado para o circuito comercial de cinema.

Como em **Terra Deu, Terra Come**, Rodrigo Siqueira costuma trabalhar com equipes pequenas, em um desenho de produção que lhe permita participar ativa e criativamente em diferentes etapas da realização, tais como roteiro, produção, direção e montagem.

Filmografia:

2003 – Direção, roteiro e produção do video-documentário, “**Aqui Favela, o Rap Representa**”, de 80 minutos, sobre o movimento hip hop nas cidades de **São Paulo** e Belo Horizonte. Patrocinado pelo **Ministério da Cultura e Fundação Palmares**.

- Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (2003)
- Festival de Biarritz - França (2003)
- Mostra Internacional do Filme Etnográfico – Rio de Janeiro (2003)
- Indie 2003 – Mostra Mundial do Cinema Independente (2003)
- Forum DOC – Fest. Internacional do Filme Etnográfico e Docum. BH (2003)
- Exibição em rede nacional de TVs Públicas.

2010 – “**Terra Deu, Terra Come**”

- É Tudo Verdade - 15º Festival Internacional de Documentários- Melhor Documentário Brasileiro (2010)
- Mostra Panorâmica 38º Festival de Gramado - Melhor Filme(2010)
- Amazônia Doc 2010 - Melhor Filme e Melhor Direção (2010)
- BH Forum Doc 2010 - Melhor Filme (2010)
- DOK Leipzig - Dove Talent Award (2010)
- ATLANTIDOC - Uruguai - Melhor Som (2010)
- Prêmio APCA 2010 - Melhor Documentário (2011)
- Festival SESC Melhores Filmes 2011 - Melhor Documentário segundo a Crítica Especializada (2011)
- CineBH - Abertura (2010)
- Festival Ambulante – México (2011)
- FICG26 – Festival Internacional des Cine en Guadalajara – México (2011)
- 23º Rencontres Cinémas d’Amérique Latine de Toulouse – França (2011)
- Cinelatino - Alemanha (2011)
- 13ª Festival du Cinéma Brésilien de Paris - França (2011)
- EDOC 2011 - Equador (2011)
- 1º Festival Internacional Lume de Cinema – Menção Honrosa (2011)